

O DOSSIÊ PELICANO

Título original: *The Pelican Brief*
Copyright © 1992 por John Grisham
Copyright da tradução © 2020 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Bruno Fiuza e Roberta Clapp

preparo de originais: Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

revisão: Ana Grillo, André Marinho, Jean Montassier e Rayana Faria

diagramação: Gustavo Cardozo

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: © Elisabeth Ansley/Trevillion

foto do autor: © Bob Krasner

e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G889d

Grisham, John

O dossiê pelicano [recurso eletrônico]/ John Grisham; tradução de Roberta Clapp, Bruno Fiuza. São Paulo: Arqueiro, 2020.

recurso digital

Tradução de: Pelican brief

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-306-0124-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Clapp, Roberta. II. Fiuza, Bruno. III. Título.

19-61579

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

1

Ele parecia incapaz de criar tamanho caos, mas muito do que via lá de cima podia ser considerado responsabilidade sua. E tudo bem. Ele tinha 91 anos, estava paralisado da cintura para baixo, preso a uma cadeira de rodas e a um balão de oxigênio. O segundo derrame, sete anos antes, quase o havia matado, mas Abraham Rosenberg ainda estava vivo e, mesmo com tubos no nariz, sua autoridade era maior do que a dos outros oito juízes. Ele era uma lenda viva na Corte, e o fato de ainda estar respirando irritava a maior parte da multidão lá embaixo.

Rosenberg estava sentado em uma pequena cadeira de rodas em um gabinete no primeiro andar do prédio da Suprema Corte. Estava próximo ao parapeito da janela e se inclinou para a frente quando o barulho começou a aumentar. Detestava policiais, mas a imagem daquelas fileiras numerosas e bem organizadas era, de alguma forma, reconfortante. Eles mantinham a postura reta e formavam uma barreira enquanto a multidão de pelo menos cinquenta mil pessoas clamava por sangue.

– Maior público da história! – gritou Rosenberg na direção da janela.

Ele era praticamente surdo. Jason Kline, seu principal assessor, estava atrás dele. Era a primeira segunda-feira de outubro, início do novo mandato, e celebrar a Primeira Emenda naquela data havia se tornado uma tradição. Celebrar de forma gloriosa. Rosenberg estava emocionado. Para ele, liberdade de expressão significava liberdade para se rebelar.

– Os índios estão lá fora? – perguntou ele, bem alto.

– Estão! – respondeu Jason Kline, bem próximo à sua orelha direita.

– Pintados pra guerra?

– Sim! Vestidos pra guerra.

– Eles estão dançando?

– Estão!

Indígenas, negros, brancos, mulheres, gays, ativistas ambientais, cristãos, defensores da legalização do aborto, arianos, nazistas, ateus, caçadores, protetores dos animais, supremacistas brancos, militantes anti-impostos, madeireiros, fazendeiros – um gigantesco mar de manifestantes.

E a tropa de choque empunhava seus cassetetes.

– Os índios deveriam me amar!

– Tenho certeza que eles amam – assentiu Kline, sorrindo para aquele homenzinho frágil de pulso firme.

A ideologia de Rosenberg era simples: o governo acima dos negócios, o indivíduo acima do governo, o meio ambiente acima de tudo. E aos índios, deem a eles tudo o que quiserem.

As interrupções, as orações, as músicas, os cânticos e os gritos foram ficando cada vez mais altos, e a tropa de choque se aproximou. A multidão era maior e estava mais agitada do que nos anos anteriores. O clima estava mais tenso. A violência havia se tornado algo comum. Clínicas de aborto tinham sido alvo de atentados com bombas. Médicos foram atacados e espancados. Um deles foi morto em Pensacola, amordaçado, amarrado em posição fetal e queimado com ácido. Brigas de rua aconteciam toda semana. Igrejas e padres haviam sido agredidos por militantes gays. Os supremacistas brancos atuavam a partir de uma dezena de conhecidas organizações paramilitares clandestinas e tinham se tornado ainda mais ousados em seus ataques contra negros, hispânicos e asiáticos. O ódio era então o passatempo favorito dos Estados Unidos.

E a Corte, claro, era um alvo fácil. O número de ameaças graves contra os magistrados havia aumentado dez vezes desde 1990. O efetivo da polícia da Suprema Corte triplicara de tamanho. Pelo menos dois agentes do FBI eram designados para proteger cada juiz, e outros cinquenta estavam bastante ocupados investigando ameaças.

– Eles me odeiam, não é? – perguntou ele em voz alta, olhando pela janela.

– Alguns deles sim – respondeu Kline de forma jocosa.

Rosenberg adorava ouvir aquilo. Ele sorriu e respirou fundo. Oitenta por cento das ameaças de morte eram direcionadas a ele.

– Você consegue enxergar os cartazes? – perguntou. Estava praticamente cego.

– Sim, vários.

– O que eles dizem?

– As coisas de sempre. “Morte para Rosenberg.” “Aposentadoria para Rosenberg.” “Cortem o oxigênio dele.”

– Eles levantam os mesmos malditos cartazes há anos. Por que não arranjam outros?

O escrivão não respondeu. Abe deveria ter se aposentado anos antes, mas só sairia de lá carregado em uma maca. Os três assessores que trabalhavam para ele faziam a maior parte das pesquisas, mas Rosenberg

insistia em escrever ele mesmo os seus votos na Corte. Para tanto, usava uma caneta de ponta porosa e um bloco de folhas brancas pautadas, no qual as palavras eram garranchos, como se ele fosse uma criança de 6 anos aprendendo a escrever. Um trabalho demorado, mas quem se importa com tempo quando se tem um cargo vitalício? Os assessores sempre revisavam os votos e raramente encontravam algum erro.

– Deveríamos dar Runyan de comer aos índios – disse Rosenberg com uma risadinha.

O presidente da Corte era John Runyan, um conservador durão que havia sido indicado por um republicano e que era odiado pelos índios e pela maior parte das demais minorias. Sete dos nove juízes haviam sido nomeados por presidentes republicanos. Havia quinze anos que Rosenberg esperava que um democrata chegasse à Casa Branca. Ele queria se aposentar, precisava se aposentar, mas não conseguia suportar a ideia de que um sujeito de direita como Runyan ocupasse seu precioso lugar.

Rosenberg podia esperar. Podia ficar sentado ali em sua cadeira de rodas, respirando oxigênio de um balão, e proteger os índios, os negros, as mulheres, os pobres, as pessoas com deficiência e o meio ambiente até chegar aos 105 anos. E ninguém na face da Terra poderia fazer absolutamente nada em relação àquilo, a menos que o matassem. E isso também não seria uma má ideia.

Aquele era um grande homem. Sua cabeça pendeu para a frente, balançou e então repousou sobre o ombro. Tinha caído no sono novamente. Kline se afastou em silêncio e retomou sua pesquisa na biblioteca. Ele voltaria em meia hora para verificar o nível do oxigênio e dar a Abe seus remédios.

O GABINETE DO presidente da Corte fica no primeiro andar e é maior e mais ornamentado do que os outros oito. Há um salão externo, usado para pequenas recepções e reuniões formais, e um interno, onde o presidente trabalha.

A porta do salão interno estava fechada, e no recinto se encontravam o presidente, seus três assessores, o capitão da polícia da Suprema Corte, três agentes do FBI e K. O. Lewis, vice-diretor do FBI. O clima estava tenso, e eles faziam um grande esforço para ignorar o barulho que vinha da rua. Era difícil. Lewis e o presidente da Corte falavam sobre a mais recente sequência de ameaças de morte, e os demais apenas ouviam. Os assessores faziam anotações.

Ao longo dos últimos sessenta dias, o FBI tinha registrado mais de duzentas ameaças, um novo recorde. Havia a cota de “Vamos explodir a

Corte!” de sempre, mas muitas traziam informações específicas – como nomes, casos e disputas judiciais.

Runyan não fazia nenhum esforço para esconder sua ansiedade. De uma compilação de documentos confidenciais do FBI, ele leu os nomes de indivíduos e grupos suspeitos de terem feito as ameaças. A Klan, os arianos, os nazistas, os palestinos, os separatistas negros, os pró-vida, os homofóbicos. Até o IRA. Todo mundo, ao que parecia, exceto os membros do Rotary e os escoteiros. Um grupo do Oriente Médio apoiado pelos iranianos ameaçara derramar sangue em solo americano em retaliação à morte de dois ministros da Justiça em Teerã. Não havia absolutamente nenhuma evidência de que os assassinatos tivessem qualquer relação com os Estados Unidos. Uma nova unidade de terrorismo doméstico, que havia pouco tempo tinha se tornado famosa e era conhecida como Underground Army, matara um juiz federal no Texas com um carro-bomba. Nenhuma prisão havia sido feita, mas a UA assumiu a responsabilidade. Eles também eram os principais suspeitos de dezenas de ataques a bomba nos escritórios da ACLU, a União Americana pelas Liberdades Civis, mas seu trabalho era muito limpo.

– E esses terroristas porto-riquenhos? – perguntou Runyan sem erguer os olhos.

– Pesos-leves. Não estamos preocupados com eles – respondeu K. O., despreocupado. – Há vinte anos que eles fazem ameaças.

– Bem, talvez agora eles façam alguma coisa. O momento é oportuno, você não acha?

– Esqueça os porto-riquenhos, presidente.

Runyan gostava de ser chamado de “presidente”. Não de “presidente da Corte”, nem “senhor presidente”. Apenas “presidente”.

– Eles só estão fazendo ameaças porque todo mundo está.

– Muito engraçado – disse Runyan sem sorrir. – Muito engraçado. Eu ia odiar que algum grupo fosse deixado de fora.

Ele jogou os papéis em cima da mesa e esfregou as têmporas.

– Vamos falar de segurança – acrescentou, fechando os olhos.

K. O. Lewis colocou sua cópia dos documentos na mesa do presidente.

– Bem, o diretor acha que devemos alocar quatro agentes pra cada juiz, pelo menos durante os próximos noventa dias. Vamos usar carros com motorista e batedores para levá-los e buscá-los no trabalho, e a polícia da Suprema Corte vai ficar responsável por oferecer reforço e pela segurança deste edifício.

– E no caso de alguma viagem?

– Viajar não é uma boa ideia, pelo menos por enquanto. O diretor acha

melhor que os juízes permaneçam em Washington até o fim do ano.

– Você está maluco? Ele está maluco? Se eu pedir que os meus companheiros sigam essa ordem, todos eles vão deixar a cidade hoje à noite e ficar fora pelos próximos trinta dias. Isso é um absurdo.

Runyan franziu o cenho para seus assessores, que balançaram a cabeça em sinal de descontentamento. Um verdadeiro absurdo.

Lewis não se abalou. Isso já era esperado.

– Como quiser. Era apenas uma sugestão.

– Uma sugestão idiota.

– O diretor não esperava mesmo a cooperação de vocês nesse sentido. Mas ele gostaria de ser notificado com antecedência de todos os planos de viagem pra que a gente possa tomar medidas de segurança.

– Quer dizer então que vocês pretendem escoltar cada um dos juízes toda vez que eles saírem da cidade?

– Sim, presidente. É esse o plano.

– Isso não vai funcionar. Essas pessoas não estão acostumadas a ter babás.

– Sim, presidente. E também não estão acostumadas a ser perseguidas. Estamos só tentando proteger o senhor e seus honoráveis companheiros de trabalho. É claro que ninguém é obrigado a fazer nada que não queira. Até onde eu sei, presidente, foi o senhor que nos chamou aqui. Podemos nos retirar, se quiser.

Runyan se inclinou para a frente em sua cadeira, aproximando-se da mesa, e pegou um clipe de papel. Em seguida desfez suas dobras, tentando deixá-lo perfeitamente reto.

– E por aqui?

Lewis suspirou e quase esboçou um sorriso.

– Não estamos preocupados com este edifício, presidente. É fácil mantê-lo seguro. Não achamos que vamos ter problemas por aqui.

– Onde, então?

Lewis apontou com a cabeça em direção à janela. O barulho estava ainda mais alto.

– Lá fora, em algum lugar. As ruas estão repletas de idiotas, maníacos e fanáticos.

– E todos eles odeiam a gente.

– Sem dúvida. Olha, presidente, nós estamos muito preocupados com o juiz Rosenberg. Ele ainda se recusa a autorizar que nossos homens entrem na casa dele. Deixa os caras sentados dentro de um carro na rua a noite toda. Permite apenas que um de seus agentes favoritos da polícia da Suprema Corte... como é mesmo o nome dele...? Ferguson. Permite apenas

que Ferguson fique sentado na porta dos fundos, do lado de fora, mas só entre dez da noite e seis da manhã. Ninguém pode entrar na casa além do juiz Rosenberg e do seu enfermeiro. O lugar não tem segurança nenhuma.

Runyan, que cutucava as unhas com o clipe, sorriu discretamente consigo mesmo. A morte de Rosenberg, por qualquer meio ou método, seria um alívio. Não, seria um momento glorioso. Na condição de presidente da Corte, Runyan teria que usar preto e fazer um discurso elogioso, mas as portas fechadas ele e seus assessores dariam boas risadas. Esse pensamento o agradou.

– O que você sugere? – perguntou o presidente.

– O senhor acha que pode conversar com ele?

– Eu tentei. Expliquei que ele é provavelmente o homem mais odiado do país, que milhões de pessoas praguejam contra ele todos os dias, que a maioria das pessoas gostaria de vê-lo morto, que ele recebe quatro vezes mais mensagens de ódio do que todos nós aqui juntos, e que ele seria um alvo perfeito e fácil pra um assassino.

Lewis esperou alguns instantes.

– E ele?

– Ele me mandou ir à merda e depois caiu no sono.

Os assessores deram uma risadinha discreta, então os agentes do FBI perceberam que estava autorizado expressar algum humor e também caíram na risada.

– Então o que vamos fazer? – perguntou Lewis, sem achar nenhuma graça.

– Proteja Rosenberg da melhor maneira possível, registre isso em algum lugar pra tornar oficial e deixe pra lá. Ele não tem medo de nada, nem da morte, e se ele não está preocupado, por que você deveria estar?

– O diretor está preocupado, então eu estou preocupado, presidente. É muito simples. Se um dos senhores se machucar, pega mal pro FBI.

O presidente se balançou bruscamente na cadeira. O alvoroço do lado de fora era insuportável. Aquela reunião já havia se arrastado por tempo demais.

– Esqueça o Rosenberg. Pode ser que ele morra dormindo. Estou mais preocupado com o Jensen.

– O Jensen é um problema – disse Lewis, folheando as páginas.

– Eu sei que ele é um problema – confirmou Runyan pausadamente.

– Ele é uma vergonha pra Corte. Agora está achando que é liberal. Na metade das vezes segue os votos do Rosenberg. Mês que vem ele vai ser um supremacista branco e apoiar a segregação das escolas. Depois disso vai se apaixonar pelos índios e vai querer dar Montana pra eles. É como ter um

filho retardado.

– O senhor sabe que ele está tomando remédio pra depressão, não sabe?

– Eu sei, eu sei. Ele costuma falar comigo sobre isso. Ele me vê como um pai. O que ele está tomando?

– Fluoxetina.

O presidente cutucava as unhas.

– E aquela professora de aeróbica com quem ele estava saindo? Eles têm se visto?

– Não, presidente. Não acho que ele ligue muito pra mulheres.

Lewis estava se achando. Ele sabia de mais coisa. Olhou de relance para um de seus agentes, que aparentemente já tinha ouvido a fofoca também.

Runyan os ignorou. Não queria ouvir nada daquilo.

– Ele está cooperando?

– Claro que não. Ele consegue ser pior que o Rosenberg em vários aspectos. Autoriza que a gente o acompanhe até em casa, depois faz a gente passar a noite sentado no estacionamento. Ele mora no sétimo andar, veja bem. Nós não podemos nem ficar na portaria do prédio. Ele diz que podemos acabar irritando os vizinhos. Então ficamos dentro do carro. Existem dez maneiras diferentes de entrar e sair do prédio, e é impossível protegê-lo. Ele gosta de brincar de esconde-esconde com a gente. Vive saindo de fininho, então a gente nunca sabe se ele está no prédio ou não. Pelo menos no caso do Rosenberg a gente sabe exatamente onde ele está a noite inteira. Com o Jensen, é impossível.

– Ótimo. Se vocês não conseguem acompanhá-lo, nenhum assassino vai conseguir.

Lewis não tinha pensado por esse lado. E não via graça nenhuma naquilo.

– O diretor está muito preocupado com a segurança do juiz Jensen.

– Ele não recebe tantas ameaças assim.

– Ele é o número seis na lista, uma posição abaixo do senhor, excelência.

– Ah. Então estou em quinto lugar.

– Sim. Logo atrás do juiz Manning. A propósito, ele está cooperando. Totalmente.

– Ele tem medo até da própria sombra – disse o presidente, se precipitando. – Eu não deveria ter dito isso, me desculpem.

Lewis fingiu que não ouviu.

– Na verdade, o grau de cooperação tem sido satisfatório, exceto por Rosenberg e Jensen. O juiz Stone reclama muito, mas faz o que a gente

pede.

– Ele reclama de tudo, então não leve pro lado pessoal. Pra onde você acha que o Jensen costuma ir quando sai escondido?

– Não temos ideia – respondeu Lewis, olhando de relance para um de seus agentes.

Uma enorme parcela da multidão de repente se uniu em um coro desenfreado, e pareceu então que todo o restante da rua se juntou a ela. O presidente não podia ignorar o barulho. As janelas estremeciam. Ele se levantou e encerrou a reunião.

O GABINETE DO juiz Glenn Jensen ficava no segundo andar, longe das ruas e do barulho. Era uma sala espaçosa, embora fosse a menor de todas. Jensen era o mais novo dos nove juízes e tinha sorte de ter um gabinete. Quando foi indicado, seis anos antes, aos 42, era considerado um construcionista rigoroso, com crenças profundamente conservadoras, muito parecido com o homem que o indicara. Sua confirmação no Senado havia sido uma batalha exaustiva. Sua performance diante do Comitê Judiciário, muito fraca. Ele ficou em cima do muro em assuntos delicados e acabou apanhando de ambos os lados. Os republicanos ficaram constrangidos. Já os democratas farejaram medo nele. O presidente pressionou até que cedessem e Jensen foi confirmado por um voto bastante relutante.

Mas ele conseguiu, e seria para a vida toda. Ao longo daqueles seis anos, não tinha agradado ninguém. Profundamente ressentido em razão das audiências para confirmação de sua indicação, ele se comprometeu a sempre tomar suas decisões com base na compaixão. Isso irritou os republicanos. Eles se sentiram traídos, principalmente quando Jensen descobriu uma paixão, antes desconhecida, pelos direitos dos criminosos. Desprovido de convicção ideológica, ele logo abandonou a direita, passou para o centro e chegou à esquerda. Então, sob o olhar de desaprovação dos juristas, Jensen voltou para a direita e se juntou ao juiz Sloan em um de seus asquerosos votos divergentes de teor misógino. Jensen não gostava de mulheres. Ele era neutro quanto a religião, cético em relação à liberdade de expressão, simpatizante dos militantes anti-impostos, indiferente aos índios, apavorado em relação aos negros, duro com os pornógrafos, mole com os criminosos e bastante consistente em sua defesa do meio ambiente. E, para o descontentamento dos republicanos que deram o sangue para que sua indicação fosse confirmada, Jensen havia mostrado uma simpatia preocupante pelos direitos dos homossexuais.

A pedido dele, um caso delicado chamado *Dumond* lhe havia sido atribuído. Ronald Dumond vivera com seu companheiro durante oito anos.

Eles eram um casal feliz, totalmente dedicados um ao outro e muito satisfeitos em compartilhar a vida. Queriam se casar, mas as leis de Ohio proibiam tal união. Então seu companheiro contraiu HIV e teve um fim muito triste. Ronald sabia exatamente o que fazer em relação ao funeral, mas a família de seu companheiro interveio e excluiu Ronald do velório e do enterro. Atormentado, Ronald processou a família do falecido, alegando danos emocionais e psicológicos. O caso tinha pulado de mão em mão nas instâncias inferiores por seis anos, e agora de repente se encontrava na mesa de Jensen.

Estavam em pauta os direitos dos cônjuges gays. *Dumond* se tornara um slogan do ativismo gay. A simples menção a seu nome provocava brigas nas ruas.

E Jensen tinha o caso em suas mãos. A porta de seu salão interno estava fechada. Jensen e seus três assessores estavam sentados ao redor da mesa de reuniões. Passaram duas horas examinando o processo e não chegaram a lugar nenhum. Estavam cansados de debater. Um dos assessores, um liberal formado na Universidade Cornell, queria um posicionamento oficial que concedesse direitos amplos e abrangentes aos casais gays. Jensen também queria isso, mas não estava pronto para admitir. Os outros dois assessores estavam céticos. Eles sabiam, assim como Jensen, que seria impossível alcançar uma maioria de cinco votos.

Então mudaram de assunto.

– O Runyan está irritado com você, Glenn – disse o assessor formado na Universidade Duke.

Em particular, eles o chamavam pelo primeiro nome. “Excelência” soava muito estranho.

– O que foi dessa vez? – perguntou Glenn, coçando os olhos.

– Um dos assessores dele deu um jeito de fazer chegar aos meus ouvidos que o Runyan e o FBI estão preocupados com a sua segurança. Dizem que você não está cooperando, e o Runyan está bem irritado. Ele queria que eu passasse isso adiante pra você.

Tudo era passado adiante por meio dos assessores. Tudo.

– Ele tem mesmo que ficar preocupado. É o trabalho dele.

– Ele está planejando designar mais dois agentes do FBI como guarda-costas, e eles querem ter acesso ao seu apartamento. E o FBI quer escoltar você na ida pro trabalho e na volta pra casa. E também querem limitar quando e pra onde você viaja.

– Já fiquei sabendo.

– Sim, a gente sabe. Mas o assessor do Runyan disse que ele quer que a gente convença você a cooperar com o FBI pra que eles possam salvar sua

vida.

- Entendi.

- Então é só isso que a gente está fazendo.

- Obrigado. Diga ao assessor dele que você não só tentou me persuadir, como também me alertou sobre todas as piores coisas que podem acontecer comigo, que eu ouvi tudo atentamente, mas que entrou por um ouvido e saiu pelo outro. Diga a eles que Glenn acha que já está bem grandinho.

- Claro, Glenn. Você não está com medo?

- Nem um pouco.

Thomas Callahan era um dos professores mais populares da Universidade de Tulane, principalmente porque se recusava a dar aulas antes das onze da manhã. Ele bebia muito, assim como a maioria de seus alunos, e precisava das primeiras horas da manhã para dormir e depois voltar à vida. Abominava as aulas das nove e das dez horas. Ele também era popular por ser descolado – usava jeans desbotados, jaquetas de tweed com remendos puídos nos cotovelos, sapatos sem meias e nada de gravatas. O look acadêmico-chique-e-liberal. Tinha 45 anos, mas com seus cabelos escuros e os óculos de armação de casco de tartaruga podia até passar por 35 – não que desse alguma importância para a idade que aparentava ter. Ele fazia a barba uma vez por semana, quando começava a coçar, e, quando fazia frio, o que raramente acontecia em Nova Orleans, a deixava crescer. Callahan tinha também um histórico de proximidade com suas alunas.

Somava-se à sua popularidade o fato de ele ensinar direito constitucional, uma das disciplinas menos apreciadas, mas obrigatória. Não apenas por ser descolado, mas por seu absoluto brilhantismo, ele realmente conseguia fazer do direito constitucional algo interessante. Nenhum outro professor em Tulane era capaz daquilo. Nenhum deles tentava, na verdade, então os alunos se digladiavam por uma vaga na turma de Callahan às onze da manhã, três vezes por semana.

Oitenta deles estavam sentados nas seis fileiras do auditório e cochichavam enquanto Callahan limpava os óculos, de pé à frente de sua mesa. Eram exatamente 11h05, “mesmo assim ainda cedo demais”, pensou ele.

– Quem sabe explicar o voto divergente do Rosenberg no caso *Nash contra Nova Jersey*?

Todas as cabeças baixaram e a sala ficou em silêncio. Ele devia estar com uma ressaca terrível. Seus olhos estavam vermelhos. Quando ele começava com Rosenberg, geralmente significava que uma aula pesada estava por vir. Ninguém se candidatou. Callahan percorreu a sala com os

olhos, lenta e metodicamente, e esperou. Silêncio mortal.

A maçaneta girou com um ruído e quebrou o momento de tensão. A porta se abriu e uma atraente jovem vestindo calça jeans apertada e suéter de lã passou por ela com elegância e praticamente deslizou ao longo da parede até a terceira fileira, onde se esgueirou entre os assentos lotados até encontrar o seu e se sentar. Os rapazes na quarta fileira a acompanharam com o olhar. Os da quinta fileira esticaram o pescoço para olhar para ela. Ao longo daqueles dois primeiros e penosos anos, um dos poucos prazeres da faculdade de direito era observá-la, mesmo que a distância, desfilando pelos corredores e pelas salas de aula com suas pernas compridas e seus suéteres folgados. Em algum lugar por baixo daquelas roupas havia um corpo belíssimo, dava para saber. Mas ela não costumava exibi-lo. A jovem tinha se misturado à multidão e aderido ao código de vestimenta da faculdade de direito – jeans, camisas de flanela, suéteres antigos e calças cáqui um manequim maior que o seu normal. O que os rapazes não fariam por uma minissaia de couro preto.

Ela deu um sorriso discreto para o rapaz sentado a seu lado e, por um segundo, Callahan e sua pergunta sobre o caso Nash foram esquecidos. Seus cabelos ruivos caíam sobre os ombros. Ela parecia uma daquelas líderes de torcida, com dentes e cabelos perfeitos, por quem todo garoto se apaixonou ao menos duas vezes durante o ensino médio. E talvez pelo menos uma vez na faculdade de direito.

Callahan ignorou a chegada dela. Se a jovem fosse uma aluna do primeiro ano e tivesse medo dele, ele poderia ter ido para cima dela aos berros. “Você não pode nunca se atrasar pra uma audiência” era a velha máxima que os professores de direito repetiam até cansar.

Mas Callahan não estava a fim de gritar naquele dia, e Darby Shaw não tinha medo dele. Por uma fração de segundo ele se perguntou se alguém sabia que ele estava dormindo com ela. Provavelmente não. Ela insistiu em manter sigilo absoluto.

– Alguém leu o voto do Rosenberg no caso *Nash contra Nova Jersey*?

De repente, ele voltou a ser o centro das atenções e outro silêncio mortal se instalou. Levantar a mão poderia significar ser questionado ininterruptamente pelos trinta minutos seguintes. Nenhum candidato. Os fumantes na última fileira acenderam seus cigarros. A maior parte dos oitenta alunos rabiscava a esmo em seus blocos de anotações. Todos estavam de cabeça baixa. Seria óbvio e arriscado demais folhear o livro de casos já julgados e usados como referência, e pesquisar por “Nash”. Era tarde demais para aquilo. Qualquer movimento poderia chamar atenção. Alguém estava prestes a ser escolhido.

Nash não estava no livro de casos julgados. Era um dentre uma dezena de casos menos importantes que Callahan mencionara superficialmente uma semana antes, e agora estava ansioso para ver se alguém havia lido a respeito. Ele era conhecido por fazer isso. Sua prova de final de período tinha abarcado 1.200 casos, dos quais mil não estavam no livro de referência. A prova foi um pesadelo, mas ele era realmente um professor bacana, não pegava pesado na correção, e só um idiota ou outro era reprovado na disciplina.

Ele não parecia ser um professor bacana naquele momento. Correu os olhos pela sala. Tinha chegado a hora de escolher uma vítima.

– Então, Sr. Sallinger? Você pode explicar o voto do Rosenberg?

– Não, senhor – respondeu Sallinger de pronto, da quarta fileira.

– Entendi. Provavelmente porque você não leu o voto do Rosenberg, eu suponho.

– Provavelmente sim, senhor.

Callahan olhou feio para ele. Seus olhos vermelhos deixaram sua expressão arrogante ainda mais ameaçadora. No entanto, apenas Sallinger a viu, já que todo o restante da turma tinha os olhos fixos em seus blocos de anotações.

– E por que não?

– Porque eu não costumo ler os votos divergentes. Principalmente os do Rosenberg.

Imbecil. Imbecil. Imbecil. Sallinger tinha escolhido revidar, mas não tinha munição.

– Alguma coisa contra o Rosenberg, Sr. Sallinger?

Callahan venerava Rosenberg. Idolatrava-o. Lia livros sobre o sujeito e seus votos na Suprema Corte. Estudava-o. Até jantou com ele uma vez.

Sallinger se remexeu na cadeira, inquieto.

– Não, senhor. Eu só não gosto de votos divergentes.

Havia algum humor nas respostas de Sallinger, mas ninguém esboçou um sorriso. Mais tarde, tomando uma cerveja, Callahan e seus amigos dariam gargalhadas ao passarem a noite falando sobre Sallinger e o fato de ele não gostar dos votos divergentes, principalmente os de Rosenberg. Mas não por enquanto.

– Entendi. Você lê os votos majoritários?

Hesitação. A débil tentativa de Sallinger de confrontar Callahan estava prestes a lhe causar uma humilhação.

– Sim, senhor. Muitos deles.

– Ótimo. Então, se puder, explique o voto da maioria no caso *Nash contra Nova Jersey*.